

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
GUILHERME ALVARENGA DE OLIVEIRA



Monografia com o título: A Cultura Punk no ABC Paulista

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CAMPUS PERDIZES

*GUILHERME ALVARENGA DE
OLIVEIRA*

RA:00190233

A Cultura Punk no ABC Paulista.

Monografia requerida pelo Prof. Dr. Claudinei Cássio de Rezende, como requisito para a obtenção da nota da disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, curso de pós-graduação Lato Sensu em História, Sociedade e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, guerreira, que sempre me deu suporte às necessidades, a esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram esta etapa em minha carreira acadêmica.

Agradeço também ao Mao, vocalista dos Garotos Podres que, forneceu quarenta minutos do seu tempo para conversar sobre o Movimento Punk.

Agradeço ao professor Claudinei Rezende, meu orientador, pela imensa paciência para com minhas limitações e por ter me ajudando a concluir este artigo.

E à turma do lato sensu, que proporcionou ótimos sábados.

E a todos que participaram direta ou indiretamente, meu muito obrigado.

RESUMO

OLIVEIRA, Guilherme Alvarenga. A Cultura Punk no ABC Paulista.

SÃO PAULO: PUC, 2018 (Monografia- Pós-graduação - Lato Sensu)

O Movimento Punk, no ABC, surge influenciado pelos punks da década de 1970, sendo estes, um último suspiro da contracultura. Embora tenha aparecido inicialmente como um fenômeno musical, que criticava os rumos do rock, a vertente do ABC, por conta das circunstâncias vividas no período final da Ditadura Militar do Brasil (1964-1985), adquiri identidade própria, com influências que iam além das originais vistas em Londres e em Nova York. A cena punk cresce junto com a classe operária inglesa, inconformada com as políticas neoliberais aplicadas por Margareth Thatcher. Já a cena do ABC é composta, basicamente, por filhos de operários do Grande ABC Paulista, jovens que vivenciam as lutas sindicais. Deste caldeirão surgiram gangues, bandas e acadêmicos.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Guilherme Alvarenga. The punk culture in ABC Paulista

SÃO PAULO: PUC, 2018 (Monografia- Pós-graduação - Lato Sensu)

The Punk Movement, on ABC, appears influenced by punks of the Decade of 1970, these being, a last gasp of the counterculture. Although it appeared initially as a musical phenomenon, which criticized the direction of the rock, part of the ABC, on account of the circumstances experienced in the final period of the military dictatorship of Brazil (1964-1985), ad-Kitty self identity, with influences that would In addition to the original seen in London and in New York. The punk scene grows along with the English working class, revolted with the neoliberal policies implemented by Margaret Thatcher. Already the scene of ABC's with-posta, basically, for children of workers to Grande ABC Paulista, young people living-ciam the collective action. This cauldron emerged gangs, bands and academics.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende realizar uma análise acerca do movimento punk surgido no ABC Paulista e o punk do mesmo período no centro de São Paulo, entre o fim da década de 1970 e meados da década de 1980.

Este artigo pretende identificar as características sociais, os posicionamentos políticos, a formação das gangues e das bandas da região, com destaque para os Garotos Podres, pela sua contribuição na cena punk nacional e por estar entre os primeiros a apresentar as contradições da sociedade em uma época em que havia ainda a Ditadura Militar.

A linha deste artigo é apresentar a radicalidade política e musical existente no ABC Paulista, apresentando a ideologia do movimento pelos seus expoentes mais destacados e pela cena musical regional, perpassando inclusive o debate midiático àquela altura. O ano em que se inicia a cena cultural punk é 1977, e nesta época apareceram focos deste movimento espalhados pela Grande São Paulo, incluindo o Grande ABC.

A princípio, o movimento era basicamente formado por jovens periféricos que tinham como fundamentos contestatórios duas questões socioculturais: o direcionamento em que o rock'n'roll seguia e a situação política em que o Brasil atravessa.

O ABC paulista, em especial, era um foco da resistência sindical neste período e os punks desta região foram fortemente influenciados pela visão contestadora acerca das restrições impostas pela ditadura militar, incluindo o arrocho salarial. Neste contexto, surge uma importante banda, os Garotos Podres, em 1982, com suas letras ácidas, que atacavam o coração da burguesia, ferindo aquele regime que oprimia a classe trabalhadora. Em 1985 a banda lança seu primeiro disco intitulado Mais Podres do que Nunca, com letras que burlavam a censura. Títulos como “Papai Noel Velho Batuta” e “Maldita Preguiça” se tornaram hinos do movimento punk com sua mensagem. Ainda neste ano de 1985, o punk no ABC começa a perder força por conta da repressão militar e a censura.

O ABC foi escolhido como tema deste artigo por ter sido uma região onde o movimento foi diferenciado em relação à capital paulista. Nesta região o movimento punk saía do conceito estereotipado de modismo e de consumo de massas, como a estética visual. Havia um verdadeiro diálogo entre o movimento e as movimentações políticas desta região industrial paulista, em contraponto, os punks da “city”, como eram

chamados os punks paulistanos, estavam mais próximos da mídia, se encontravam na Punk Rock Discos, localizado na Galeria do Rock e com certa frequência davam entrevistas pela mídia da época.

Vestindo-se de maneira espalhafatosa, com cabelos espetados e aparecendo em frente das câmeras das televisões fazendo gestos obscenos e com linguagem agressiva, sem se preocuparem com a questão política contestatória. De acordo com a dissertação de mestrado Os Punks no ABC Paulista, realizada pelo professor Aldemir Leonardo Teixeira, que vivenciou a cultura punk nos anos de 1980 e 1990, a conduta por vezes inapropriada destes punks eram alvo de repórteres oportunistas em busca de notícia.

Em contrapartida, os punk do ABC eram, segundo Teixeira:

...por estarem numa região industrializada num período de inúmeras movimentações grevistas, vieram acompanhando e atuando paralelamente aos movimentos sindicais entre os anos de 1979 e 1983. Os Anjos de São Bernardo, em sua maioria, eram operários no setor metalúrgico e articulavam ações políticas, participando de greves, manifestações, panfletagens, piquetes e passeatas. (2007. Mestrado em Ciências Sociais. p.12)

Os Anjos eram uma gangue na qual o autor desta dissertação fazia parte. As gangues foram fundamentais para o surgimento de bandas e para a proliferação das ideias políticas do movimento para além do movimento. Eram grupos que faziam fanzines e que eventualmente participavam de programas televisivos voltados ao público mais jovem, como os extintos Programa Livre e Matéria Prima. Em 1993, a gangue Carniça, também do ABC, apareceu no Programa Livre junto com a banda Subvidentes. Anteriormente, em 1991, os Anarcopunks, de Santo André, foram ao Matéria Prima, onde expuseram com muita clareza suas ideias e mostraram seu fanzine neste programa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre os estudos acerca do movimento punk no Brasil, destaco os realizados por Hélder de Souza e Helenrose Pedroso intitulado “O absurdo da realidade: O Movimento Punk”, cujo foco da pesquisa foi a cena em seus primeiros anos, na década de 1980, no centro de São Paulo, nos locais de encontro das galeras. Neste trabalho há a menção às diversas brigas entre as facções do ABC e da capital. Outra pesquisa importante na área é a feita por Rafael Lopes, com o título “ Movimento Punk na

cidade – a invasão dos bandos sub’’, uma dissertação de mestrado defendida na UNESP cujo foco de pesquisa é o anarco-punk dos anos de 1980 e 1990 em São Paulo.

A base de pesquisa principal é a pesquisa de mestrado realizada por Aldemir Teixeira, com o título ‘‘O Movimento Punk no ABC Paulista: Anjos, uma vertente radical’’, cujo foco de pesquisa é uma gangue punk do ABC Paulista. A outra base é uma entrevista realizada com o punk Mao, líder, letrista e vocalista da banda Garotos Podres, de Maua.

O PUNK NO MUNDO: UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA

Entende-se como punk o movimento que faz parte da contracultura, incluindo os movimentos pacifistas anteriores ao punk, na década de 1960, como os hippies e os beatniks. Surgido na década de 1970, o movimento punk original tem em comum com os demais inseridos na contracultura a questão da liberdade e a oposição ao sistema capitalista, e no caso dos punks, um forte engajamento da classe operária londrina, sendo a Inglaterra um dos palcos desta primeira leva, ao lado dos Estados Unidos, com a cidade de Nova York.

Para analisar o contexto histórico inicial do punk, é preciso compreender também que este movimento faz parte de um contexto geopolítico e sociológico que engloba o neoliberalismo thatcherista, a contracultura em sua última fase e um estilo musical pautado em um rock agressivo que contestava os rumos que o rock caminhava naquela altura, em meados da década de 1970.

Oficialmente, a primeira manifestação cultural punk ocorreu em Nova York, nos subúrbios de sua parte leste. Quase simultaneamente também ocorreu nos subúrbios operários ingleses. Basicamente, os punks inicialmente tinham como características a denúncia dos abusos dos governos neoliberais voltados à classe burguesa, a contestação dos valores tradicionais da família nuclear e um ativismo anarquista.

No Brasil, a informação que chega sobre a cultura punk é através da antiga revista POP, que trazia manchetes limitadas e distorcidas dizendo que o punk era uma ‘‘moda’’ entre os jovens de Londres e Nova York, já no final da década de 1970. Ezequiel Neves, que escrevia artigos para a revista ‘‘Homem’’, publicou em março de 1977: ‘‘ A vez do punk rock. Um rock grosso’’.

Sua fase inicial se dá em três polos da Grande São Paulo: Em Pirituba, na Zona Noroeste da capital, na Vila Carolina, na Zona Norte da mesma cidade e no ABC Paulista, região industrial que com este perfil, contribuiu para a formação de uma militância altamente crítica e engajada. Os punks de Pirituba e da Vila Carolina formaram gangues que em seguida viraram dois nomes famosos da cena nacional e mundial: Inocentes, da Carolina Punk, e os Ratos de Porão, da Vila Piauí, que embora já esteja na Vila Jaguara, era visto, à época do início do movimento como Pirituba, pelos punks que frequentavam a Galeria do Rock e as praça São Bento, na Região Centro (v. Botinada: A origem do punk no Brasil.)

Neste período é produzido um filme de enorme sucesso chamado Warrior. Seu enredo é baseado em constantes brigas entre gangues, e de acordo com o documentário Botinada – A origem do Punk Rock no Brasil, produzido por Gastão Moreira, os jovens desta época achavam que ser punk era aquilo, formar gangues, brigar o tempo todo por ou sem motivo. Neste documentário, o professor de História e vocalista dos Garotos Podres, José Rodrigues Maro Junior recorda os tempos em que este filme influenciou a formação de gangues entre os jovens.

1. O ABC COMO REGIÃO INDUSTRIAL

Desde a década de 1960, o ABC Paulista se destacava como um grande complexo industrial no Brasil e a primeira indústria automobilística brasileira, com inúmeras multinacionais em seu polo.

Com estas características, esta região também se torna o centro do movimento sindical brasileiro, com ações grevistas em plena ditadura militar. Surge também a figura de um grande líder da classe trabalhadora: Luiz Inácio da Silva, o Lula. O movimento punk do ABC surge no mesmo período e seus adeptos foram fortemente influenciados pelas movimentações grevistas e lutas sindicais que eclodiram nesta região.

Este cenário contribuiu para diferenciar o punk do ABC dos punks de São Paulo. No ABC os punks acabam sendo mais intelectualizados, preocupados em reverter o quadro político conservador que oprimia a classe trabalhadora. Em São Paulo havia também punks com esta postura, porém o predomínio era de punks que queriam vivenciar um certo ‘saudosismo arruaceiro’ (TEIXEIRA. p.64. 2007)

O contexto político e social em que os punks iniciais viviam justificam o grau de politização apresentado por eles. O Brasil, como país de “terceiro mundo”, com uma economia periférica, sofria os reflexos da crise mundial gerada pelas grandes potências mundiais. O General Figueiredo, último suspiro da Ditadura Militar, ainda assombrava a vida dos brasileiros, somado a isso a dívida externa, a repressão e o arrocho salarial.

2. A MÚSICA PUNK

Com a divulgação feita pela revista Pop, o punk rock no Brasil tem matérias consecutivas no ano de 1977. Neste período as matérias eram sensacionalistas, traziam matérias distorcidas e, por mais incrível que possa parecer, a banda Made in Brazil era considerada, por esta revista como a “primeira banda punk do Brasil”. No documentário Botinada, várias personalidades, como Clemente, do Inocentes, recordam destas matérias e se descontraem com o rótulo de punk rock dado à banda Made in Brazil.

Na zona norte paulistana apareciam bandas como Restos de Nada, na Vila Jaguara, o Ratos de Porão. No Grande ABC, região distante do centro paulistano, apareciam bandas como Passeatas e o Garotos Podres, banda esta que seguia um estilo musical único, conhecido como Punk Oi!, uma fusão entre punks e skinheads de esquerda. Esta variação do punk surge entre a classe operária do Reino Unido, nos subúrbios londrinos e no Brasil teve aceitação entre as gangues dos “carecas”.

Dentre os divulgadores da música punk no Brasil, destaco o lendário Kid Vinil, falecido em 2017. Vinil trabalhava na extinta rádio Excelsior e lá, no final da década de 1970, começou a divulgar a música punk para seus ouvintes. Sua banda, Verminose, também está entre as pioneiras do movimento paulistano.

Com a consolidação do movimento punk no início da década de 1980, esta cena cultural deixou de se restringir às bandas e às gangues, visto que os meios de comunicação da época tratavam esta cena como delinquentes e marginais.

3. AS GANGUES

De acordo com a pesquisa feita pelo professor Teixeira em sua dissertação de mestrado, as gangues eram compostas por “amigos e parentes, que moravam no mesmo bairro”. As gangues foram fundamentais para a divulgação e propagação da cena punk em nível nacional. Era visível a diferença entre as gangues do ABC e os da “city”, tanto pelo contexto político da época (movimento sindical em São Bernardo) quanto pela distância com o grande centro comercial brasileiro, a capital paulistana, que permitia aos punks da “city” o acesso mais fácil às informações vindas do exterior.

Mesmo com esta divisão, mentem-se a mesma postura ideológica: o anarquismo, embora com distinções entre os grupos sobre este mesmo conceito, sendo o ABC com um grau de politização maior.

Os locais escolhidos pelos punks para suas reuniões eram os salões, localizados na periferia e eram escolhidos por serem mais baratos. Nenhum destes salões eram propriamente punks, mas se tornavam punks, justamente pela predominância dos jovens punks nestes locais. O som era feito em fita cassete, e conforme os relatos feitos no documentário Botinada, os próprios punks preferiam o som em fita do que feitos ao vivo.

3.1 OS CARECAS

Dentro as gangues que surgiram neste contexto, uma saía na contramão do ideário libertário que permeava o imaginário dos jovens desta época: a gangue dos carecas. Este grupo era formado por jovens nacionalistas, que se intitulavam “conservadores” e se simpatizavam com as ideias integralistas da década de 1930. Segundo o sociólogo Sérgio Vinícius de Lima, em sua dissertação *Violência Urbana & Juventude em SP*, “ os carecas apoiam o antissemitismo e a homofobia, mas aceitam negros em seu contingente”.

De fato, os carecas entraram para a história como um grupo intolerante e que manifesta esta intolerância por meio da violência gratuita. O assassinato do adestrador de cães Edson Neri da Silva, em fevereiro de 2000, chocou o Brasil. Este crime ocorreu porque Edson andava de mãos dadas com seu companheiro e teve o azar de encontrar com a gangue de carecas, que o espancou até a morte.

A agressividade é a forma de manifestar sua ideologia e a rixa com os punks é marcada com uma série de conflitos que foram parar nos meios de comunicação ao

longo das décadas de 1980 e principalmente da década de 1990. Em 1991, o programa Globo Repórter apresentou um especial chamado ‘ganguês de rua, em que relatou os conflitos entre os Carecas do ABC e os punks. Os carecas deixaram bem claro que a violência é a marca de seu grupo e que ‘ se não fosse a violência o programa não faria a entrevista’, como atestou um dos membros mascarados. Em 1993, o extinto programa Documento Especial fez um especial chamado a ‘cultura do ódio’, em que há o relato de facções carecas, tanto dos White Powers, neonazistas e dos Carecas, integralistas. Na facção integralista, há a curiosa presença do senhor Anésio Lara de Campos Junior, meio-irmão do político Eduardo Suplicy. Ao contrário de Suplicy, que abraçou políticas progressistas ao longo de sua vida, Campos Junior faz, neste especial, o papel de advogado sem honorário do nazismo, dizendo não acreditar nos crimes de guerra da Alemanha Nazista e afirmando teorias conspiratórias sem respaldo científico. Campos Junior se apresentava como presidente da Ação Integralista naquele tempo.

Para entendermos o pensamento dos carecas, é preciso compreender uma ideologia que surgiu na década de 1930 num período conturbado da história mundial. Plínio Salgado, criador da Ação Integralista, foi influenciado pelos nacionalismos europeus que surgiam naquele período, mas também em Charles Maurras, uma figura reacionária e monarquista que publicava artigos em sua revista chamada Accion Française. Maurras acreditava que a Revolução Francesa havia enfraquecido a França e que a sociedade francesa deveria voltar ao monarquismo e às raízes católicas. Salgado foi influenciado por este pensamento, assim como Salazar e Franco, em Portugal e Espanha respectivamente. Esta mescla de nacionalismo com tradicionalismo que compõe a teoria da Ação Integralista tem como suporte intelectual o sociólogo e historiador Oliveira Vianna, que escreveu em 1919 Populações Meridionais do Brasil, uma obra influenciada pelo darwinismo social. Nesta obra, Oliveira Viana expõe sua tese sobre as questões eugênicas que vigoravam em seu tempo e explica a formação do brasileiro meridional através da ótica darwinista. Para ele, o responsável pela expansão territorial na América Portuguesa foi o paulista que, segundo sua ótica darwinista, estava entre os mais ‘ fortes’, submetendo de maneira natural os povos supostamente mais ‘ fracos’. Sobre Bartolomeu Paes, Viana diz: ‘Paes é um dos descendentes da extraordinária gens dos Paes, que junto com a dos Buenos e dos Lemes, constituem os três núcleos mais fecundos do eugenismo paulista’ (OLIVEIRA VIANNA. p.20. 1987). O site oficial do movimento integralista, em um texto intitulado ‘A verdade sobre o Integralismo’, cita Oliveira Viana como uma de suas referências históricas:

“Grandes nomes brasileiros fazem parte da Doutrina Integralista, além de seu idealizador Plínio Salgado. Há pensamentos de Oliveira Vianna, sociólogo ímpar; Farias Brito, cuja filosofia prima pela “moral com base das ações”; Padre Leonel Franca, jesuíta, grande escritor e fundador da Universidade Católica do Rio de Janeiro; Jackson de Figueiredo, sergipano veio para o Rio de Janeiro, materialista e ateu, convertido ao catolicismo, por influencia de Alceu de Amoroso Lima e Padre Leonel Franca”

3.2 INTEGRALISTAS X ANARQUISTAS E COMUNISTAS: UMA BRIGA ANTIGA

A rixa entre carecas e punks, que transformaram as ruas do Grande ABC e de São Paulo em palco de guerra nas décadas de 1980 e 1990 tem sua genealogia iniciada na década de 1930, no conturbado período da Era Vargas. Ação Integralista, Intentona Comunista, Intentona Integralista, Plano Cohen, Revolução de 1932 foram os acontecimentos que marcaram o Brasil deste período e as ruas foram o palco de guerra.

Contrapondo o eugenismo e o Brasil dos latifundiários exposto por Oliveira Vianna, anarquistas e comunistas idealizavam um Brasil que quebrassem com esta estrutura social racista e de hierarquia social com base nas classes com poder de terra. A polarização entre as duas propostas de sociedade era tanta, que em outubro de 1934 houve um conflito na Praça da Sé, no centro de São Paulo, colocando o centro de São Paulo como uma verdadeira praça de guerra, por aproximadamente uma hora.

Imitando os nazistas alemães e os fascistas italianos, na formação de suas milícias e também no uso de seus uniformes, os ditos “nacionalistas” brasileiros, aos gritos de “Anauê”, seguiram à Praça da Sé. Do outro lado do combate estava o grupo formado por antifascistas, uma mescla de membros do Partido Comunista Brasileiro, da Liga Comunista Internacionalista e anarquistas membros de sindicatos.

O que foi visto, segundo os jornais da época, foi uma verdadeira guerra entre os dois grupos, sendo os integralistas colocados para correr pelos antifascistas. O humorista Barão do Itararé, à época, disse que os integralistas não corriam, mas voavam, para escaparem da resistência popular.

3.1 ANARQUISTAS.

Dentro deste caldeirão que era o cenário urbano do ABC Paulista dos anos de 1980 e 1990, os grupos anarquistas dominavam o cenário das gangues. Em São Paulo, o centro velho era o local das reuniões.

O Anarquismo e as culturas alternativas já existiam nestes centros urbanos antes da cena punk. A rejeição pelo autoritarismo e a busca pela liberdade já eram discursos presentes em grupos como os beatniks, hippies e suas derivações. O punk aparece neste contexto ideológico acrescentando sarcasmo e rebeldia, e no caso específico do ABC, um engajamento político influenciado pelos sindicatos locais.

Contrapondo os carecas integralistas, os punks anarquistas defendem o pensamento das culturas alternativas às tradicionais, têm seu pensamento fincado nas raízes deixadas na Revolução Francesa e fazem suas críticas sociais com respaldo no coletivismo de Bakunin, no mutualismo de Proudhon e no anarco-sindicalismo de Malatesta.

No ABC, durante as décadas de 1980 e 1990, as gangues anarquistas apareceram diversas vezes nos jornais da época por conta das rixas com os carecas. Foram tema de um especial no Globo Repórter, em 1991, quando o programa, de forma sensacionalista, mostrou apenas o lado das brigas, não dando espaço para a questão ideológica. No ano seguinte, foram ao extinto Programa Livre, apresentado à época por Serginho Groissman, no SBT, e agradeceram a oportunidade de poderem expor a proposta social do movimento e criticaram a matéria da emissora da família Marinho.

Destas gangues surgiram as principais bandas deste núcleo, entre elas o Passeatas, do vocalista Pádua, presente no movimento desde o início e os Garotos Podres, líder, letrista e vocalista Mao, que além de membro inicial do movimento também é professor militante.

4. GAROTOS PODRES

Em entrevista com Mao, vocalista dos Garotos Podres, realizada na Universidade Federal de Cubatão, onde o mesmo leciona História, fica claro o alto grau de politização dos punks do ABC:

“(...) primeira questão que deve ser colocada é que o Brasil é uma sociedade bastante autoritária. Quando nós falamos em democracia no Brasil nós estamos falando no intervalo entre uma e outra ditadura. E mesmo nestes períodos aparentemente democráticos, o autoritarismo

da sociedade brasileira não desaparece. Para gente ter uma ideia, uma de nossas músicas, Aos Fuzilados da CSN, feita em homenagem a 3 operários assassinados por tropas do exército e da polícia militar, na companhia siderúrgica nacional CSN, no Rio de Janeiro, ela foi uma música.. um acontecimento que aconteceu em 1988, na época do governo Sarney, onde oficialmente não era ditadura”

Mao segue explicando o surgimento do movimento e o contexto socioeconômico da Inglaterra deste período:

“(...) o punk aparece no subúrbio londrino na época da implementação do neoliberalismo na Inglaterra pela Thatcher. A situação de desemprego dos jovens levou a um desencantamento com a realidade. É importante lembrar que o neoliberalismo foi também implementado no Chile, no mesmo período, por Pinochet. Percebe-se, assim, que o neoliberalismo só pode ser implementado pela força, ele é antidemocrático. ”

O engajamento político de Mao é antigo e reflete nas letras dos Garotos Podres. Letras como Batman, Papai Noel Velho Batuta e Aos Fuzilados da CSN são alguns dos exemplos deste engajamento. Mao conta que este engajamento tem raízes familiares, sendo seu pai, de origem galega, um homem que conversava de política com os homens da família:

“(...) meu tio, imigrante galego, tinha uma barbearia aqui em Santos, e pôs para correr um imigrante italiano que teve a pachorra de elogiar Mussolini dentro de sua barbearia. Isto foi na década de 1930, na época da Guerra Civil Espanhola. (...) meu tio dizia sobre a relação entre a Igreja Católica e Franco e contava histórias da Espanha Franquista.”

Mao demonstra uma preocupação com o momento em que o Brasil passa após o Impeachment de 2016 e os rumos que a política atravessa:

“(...) temos atualmente o judiciário fazendo política, prendendo o candidato que está em primeiro lugar nas pesquisas (Lula), que ganharia em primeiro turno, dando espaço para a chegada do fascismo ao poder, pelo outro candidato, que, entre outras coisas, responde por dizer a uma deputada que ela não merece ser estuprada por não ser bonita. ”

Sua banda, Garotos Podres, atualmente passa por um processo de litígio entre os antigos integrantes. Mao deu uma entrevista à Folha de São Paulo mostrando os

motivos que levaram a esta cisão. Quem acompanha a banda sabe que a militância marxista sempre foi exclusividade do Mao, e sabe também, que a militância está atrelada à própria essência da banda. O hino dos Garotos, Papai Noel Velho Batuta, ilustra esta afirmação. No entanto, pensamentos contrários ao que direciona a banda foram se tornando cada vez mais frequentes ao longo do tempo.

Nesta entrevista fica claro as desavenças ideológicas principais entre Sukata e Mao. Sobre este racha ideológico, Mao explica:

"As principais letras são minhas, desde sempre, e procurei implementar minha visão de mundo, que é de esquerda e com foco no social. E faz bastante sentido quer uma banda punk, de protesto, e que surgiu no contexto do fim do regime militar brasileiro, mantivesse essa postura. Para minha decepção, desde muito cedo os outros integrantes manifestaram estranheza e até rejeição às minhas ideias, mas, curiosamente, seguimos em frente"...

Esta rejeição às origens ideológicas da banda já foi manifestada em público nos anos de 1990. Ao participarem do extinto programa televisivo Matéria Prima, apresentado por Serginho Groissman, Mao afirmou, ao responder um questionamento sobre a simpatia da banda com a CUT e o PT, que era o único a militar. Em um outro momento, Mauro, então guitarrista, disse não acreditar no socialismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial adotada pelos punks do ABC era visivelmente diferente à dos punks paulistanos, de acordo com as fontes analisadas neste artigo. Influenciados pelo anarcossindicalismo teórico e pelo sindicalismo prático vivenciado pelo ABC de sua época, estes punks formaram uma identidade que ia muito além da estética visual e musical.

O ganguismo, presente em todas as vertentes deste movimento, se fez presente no ABC em várias ramificações anarquistas e uma dissidência integralista, os Carecas do ABC, que nasce entre os punks, mas adota uma retórica oposta, expressa em fanzines, brigas de rua e letras musicais.

Dos subúrbios operários do passado, os punks foram absorvidos pelos diferentes tipos de classes sociais. A partir da década de 1990, apareceram inúmeras bandas de classe média, havendo assim um hibridismo cultural entre os punks originais operários e

estes simpatizantes pela estética musical. Como resultado ocorreu a comercialização do movimento e a essência do movimento, a ideologia anarquista, deixada de lado.

O punk entrevistado neste artigo, Mao, faz uma reflexão sobre o movimento punk, a indústria fonográfica, a comercialização do punk e a ditadura imposta pelos meios de comunicação:

“(…) no Brasil existe, até pior do que a ditadura formal, uma ditadura informal que estabelece o que deve e o que não deve tocar. Esta ditadura se acentua na chamada redemocratização, sendo tão eficaz quanto à repressão formal”

Entre os últimos eventos mais importantes realizados no ABC estão os “20 anos do Movimento Punk” e a “Ópera Punk”, ambos projetos realizados no final da década de 1990. Atualmente, alguns punks originais se desvincularam do movimento, se tornando evangélicos, outros persistem no movimento, atuando como militantes em movimentos sociais.

BIBLIOGRAFIA

BIVAR, Antonio.(1983) *O Que é Punk*. Coleção primeiros passos, 2º edição, Editora Brasiliense

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. (2007)*O Movimento Punk no ABC Paulista – Anjos, uma vertente radical*. Dissertação de Mestrado. PUC. São Paulo.

MELO, P. F. (2013). *www.integralismo.org.br*. Acesso em 2018, disponível em frente integralista brasileira.

OLIVEIRA VIANNA, F. J. (1987). *Populações Meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Itatiaia.

